

Eles já sofrem profundamente em si mesmos.

Tudo passa.

Oremos uns pelos outros.

Peçam a Dulce para que não chore mais e quando me recorde, que não me veja amassado e angustiado, como me lembram pelo corpo e não pela alma.

Vejam-me alegre, tranqüilo.

Afinal, de nada temos culpa.

Todos estamos asserenados, em nós mesmos, porque não fomos nós quem provocou o incidente calamitoso.

Suportemos tudo pelo amor de Deus e sigamos para diante com a nossa fé em Deus.

Conceição, estou orgulhoso de você. Você pensou, pensou e acabou aceitando que tudo está bem. Comunique aos nossos o seu estado de espírito.

A única infelicidade, a meu ver, é criar infelicidade para os outros e isso, graças a Deus, não nos acontece.

Se puderem e quando puderem, beijem mamãe por mim.

E, esperando que vocês duas me auxiliem na pacificação definitiva de todo o nosso grupo de corações queridos, pede a Jesus as abençoe o irmão que promete melhorar-se para ser-lhes mais útil e que estará com vocês, cada vez, mais, na certeza de que o amor vence a morte e de que a morte, com tranqüilidade de consciência, é Vida Maior para sempre,

Walter

25 UM FILHO DE RETORNO

Meu pai, minha querida Mãe, venho rogar conformação a todos.

Primeiro, peço a bênção de Deus para nós a fim de estarmos obedientes perante a Bondade Infinita que rege a vida.

Não me suponham morto, criatura que desapareceu, filho que não volta mais.

Ajudem-me. Não sofro senão por vê-los não desesperados mas abatidos, como se a vida devesse parar porque mudei de situação.

Lembrem-se de que deixei minha querida Elisabeth e o Alanzinho em meu lugar.

Bete está muito moça ainda. Quase menina, vinte e três anos de esperança!

Pensem, papai e mamãe, quanto me custa vê-la viúva, antes de dois anos após a nossa união.

Ainda assim, apesar dos meus conflitos, não estou desanimado.

Surgirão caminhos novos.

Minha esposa e meu filhinho serão flores de carinho nos braços que me criaram para o bem.

Não chorem, não se sintam amargurados.

Não me recordem debaixo da máquina e nem me vejam desfigurado pelo fogo.

Mentalizem o filho que lhes pede a bênção com a nossa alegria em casa.

A morte é um muro de sombra, além do qual nós revivemos e continuamos amando os entes queridos com a ternura de cada dia.

Graças a Deus, vim com algum conhecimento da vida verdadeira e isso auxilia a criatura de modo positivo.

A princípio, sofri com as primeiras impressões do desastre, mas apliquei o pensamento vivo da fé pelo qual nos revigoramos e nos reconstituímos, por dentro de nós, sem sabermos como.

Nada sei explicar por enquanto, mas vou estudar e melhorar para ser mais útil.

Encontrei o vovô Gino e o nosso amigo Batuíra logo que reabri os meus olhos procurando o *porquê* da ocorrência.

Imaginava-me em sonho, despertando de um pesadelo, mas, gradativamente, tudo compreendi.

Peço à minha querida Vovó — que considero minha outra Mãe — não nos lamente.

Estamos numa hora de confiança em Deus.

Tia Iris está igualmente aqui e recomenda-me dizer que está bem.

Assim como me preocupo por Elisabeth e Alan, vejo-a preocupada pelo Ubirajara e pelos filhos queridos, mas, com Deus, não há sombra perpétua, porque Deus é a luz de nossas vidas.

Papai, auxilie-me. Não deixe os companheiros sob impressões negativas de sofrimento e morte.

Acontecem as provas e quando as provas chegam, o momento é de seguir cada um o seu próprio caminho.

Ninguém poderia ter tomado o meu lugar, no instante difícil e eu que entendia tanto de motor, tive de cumprir os designios da Lei, em meu próprio benefício.

Rogamos a dor antes de tomar corpo na Terra e a dor funciona por mestra de nosso espírito.

Por isso, meu pai, a dor é sempre um benefício.

Nós é que custamos muito a perceber essa verdade.

Rogo ao senhor e Mamãe velarem por Elisabeth e por nosso filhinho e recordem os outros — os outros entes amados de que Deus formou a nossa família carinhosa e feliz.

Recebam com Bete e Alanzinho todo o coração do filho que promete obedecer as Leis de Deus para ser útil sempre e amá-los cada vez mais,

Cláudio Luiz (*)

(*) Mensagem recebida em reunião pública da Comunhão Espírita Cristã, na noite de 3 de abril de 1970, em Uberaba, Minas, achando-se presentes pela primeira vez entre os visitantes da instituição, os pais e a viúva do comunicante, residentes em São Paulo. Cláudio Luiz, o signatário da mensagem, desencarnou em um desastre automobilístico, no dia 29 de dezembro de 1969, e residia em Santo Amaro.